

“KAINGANG”

INTRODUÇÃO – A notícia

05/01/2016 – Imbituba, SC: Enquanto o mundo parava para festejar a entrada do novo ano, na cidade de Imbituba, litoral catarinense, o pequeno Kaingang, curumim de dois anos de idade, era brutalmente assassinado no colo de sua mãe.

Segundo o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Regional Sul, o crime ocorreu na rodoviária de Imbituba, enquanto o pequeno estava sendo amamentado pela mãe. Um homem se aproximou, acariciou seu rosto e, com um estilete, o degolou. Enquanto a mãe e o pai, desesperados, tentavam socorrer a criança, o assassino seguiu caminhando pela rodoviária até desaparecer.

“Ele faleceu em um local que a família Kaingang imaginava ser seguro. As rodoviárias são espaços frequentemente escolhidos para descansar, quando estes se deslocam das aldeias para buscar locais de comercialização de seus produtos”, explica a nota do CIMI. A família do Curumim é originária da Aldeia Kondá, localizada no município de Chapecó, Oeste de Santa Catarina. O corpo do menino foi enterrado às 16 horas de sexta-feira (1º), no cemitério da Aldeia Condá, em Chapecó. A tristeza dividia espaço com a indignação e a pergunta: por que tamanha crueldade?

Os indígenas só podem existir no Brasil como gravura. Apreciados como ilustração de um passado superado, os primeiros habitantes dessa terra, com sua nudez e seus cocares, uma coisa bonita para se pendurar em algumas paredes ou estampar aqueles livros que decoram mesas de centro. Os indígenas têm lugar se estiverem empalhados, ainda que em quadros. No presente, sua persistência em existir é considerada inconveniente, de mau gosto. Há vários projetos tramitando no Congresso para escancarar suas terras para a exploração e o “progresso”. Há muitos territórios indígenas devidamente reconhecidos que o governo não homologa porque neles quer construir grandes obras ou porque teme ferir os interesses do agronegócio. Há uma Fundação Nacional do Índio (Funai) em progressivo desmonte, tão fragilizada que com frequência se revela também indecente. No passado, os índios são. No presente, não podem ser.

INSPIRAÇÃO: Um Índio – Caetano Veloso

Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante
De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
E pousará no coração do hemisfério sul
Na América, num claro instante
Depois de exterminada a última nação indígena
E o espírito dos pássaros das fontes de água límpida
Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias

Virá

Impávido que nem Muhammad Ali

Virá que eu vi

Apaixonadamente como Peri

Virá que eu vi

Tranquilo e infalível como Bruce Lee

Virá que eu vi

O axé do afoxé Filhos de Gandhi

Virá

Um índio preservado em pleno corpo físico

Em todo sólido, todo gás e todo líquido

Em átomos, palavras, alma, cor

Em gesto, em cheiro, em sombra, em luz, em som magnífico

Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico

Do objeto-sim resplandecente descerá o índio

E as coisas que eu sei que ele dirá, fará
Não sei dizer assim de um modo explícito

Virá ...

E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio!

O ENREDO: KAINGANG

Por Elídio Fernandes Junior

Abandono, sofrimento e caos...

O jovem Kaingang nem chegou a vivenciar suas experiências uma vez que teve os ritos de sua vida interrompidos de forma covarde, ainda nos braços de sua mãe. Silêncio na aldeia onde seu umbigo havia sido enterrado. O pranto da dor inundou o espaço...

Antes de iniciar o Kikikoi, um ancião reuniu os jovens... saber sua história; tradição oral... toda a identidade cultural da tribo foi apresentada pelo Xamã Kuiã para os curumins da aldeia: o princípio de tudo em uma grande inundação que devorou toda a terra; Kayru e Kamé, dois grandes criadores do mundo, representam a dualidade do universo: o sol e a lua, o pinheiro e o cedro, o lagarto e o macaco – um mundo em equilíbrio dual. Toda a luta para sobreviver às águas: as saracuras e os patos salvadores que construíram um açude, por onde se salvaram os Kaingangues. Com medo, muitos não desceram das árvores, transformando-se em macacos... Depois que as águas secaram, se estabeleceram nas proximidades. Quando saíram da serra fizeram os cestos e cabaças. Na noite posterior à saída da serra, atearam fogo e com a cinza e carvão fizeram tigres (ming) que saíram rugindo. Como não tinham mais carvão para pintar, só com a cinza fizeram as antas (oyoro). Estavam fazendo outro animal; faltava ainda, a este, os dentes, língua e algumas unhas, quando principiou a amanhecer. E, como de dia não tinha poder para fazê-lo, pôs-lhe às pressas uma varinha fina na boca e disse-lhe: – Você, como não tem dente, viva comendo formiga. Eis o motivo por que o tamanduá (ioty), é um animal inacabado e imperfeito. Na noite seguinte continuou e fez muitos animais, e entre eles as abelhas boas. Ao tempo que Kayru fazia esses animais, Kamé fazia outros para combater: fez os leopardos (ming-koxon), as cobras venenosas e as vespas. E assim o universo kaingang foi-se reconstruindo. Aos poucos... Apontando para o fogo, kuiã continuou...

Só Min-ârân tinha fogo; não queria dar aos Kaingang. Estes comiam a carne de caça crua ou seca ao sol. Desejavam ter fogo, mas não sabiam produzi-lo. Fyietô transformou-se em filho de gralha branca (xaxó), e foi boiando n'água até onde estavam se banhando a mulher e a filha de Min-ârân. Essa, quando o viu, pediu à mãe que o pegasse. Levaram-no à casa e, como estivesse molhado, para que se enxugasse, puseram-no sobre as achas de lenha que estavam no fogo. Fyietô conseguiu separar um graveto com fogo, fugiu com ele no bico. Subiu em uma palmeira, tirou desta um ramo seco, acendeu-o no graveto e foi arrastando o ramo por um campo grande, que se incendiou. O campo queimou por muitos dias; todas as gentes guardavam fogo e principiaram a assar a carne nele. Quando acontece de apagar o fogo, podem produzir friccionando uma vareta de madeira dura sobre uma pequena cova feita na extremidade inferior de um ramo seco de palmeira. E assim dominaram o fogo...

E o Xamã encerra sua narrativa apontando para as fogueiras...

Os xamãs estão iniciando o ritual dos mortos, o kikikoi na praça da dança, onde três fogueiras estão acesas. O primeiro fogo antecede o corte da araucária, que servirá de cocho para o Kiki. O segundo fogo antecede a preparação do konkéi. E o terceiro, o mais importante, unia as gentes pintadas para o ritual dos mortos. São entoados cantos e rezas... As mulheres – péin –, para proteger os participantes dos espíritos dos mortos, pintavam

os rostos de todos com tinta de carvão. Turus e Xik-Xi são tocados enquanto cantam e rezam pelos mortos. O Kiki é servido para todos. Objetos do curumim Kaingang são trazidos para o ritual de purificação e entrega de seu espírito aos antepassados.

Foi então que um grande trovão ressoou: era o grande criador dos Céus e da Terra, Deus Tupã se fez presente e trouxe consigo, irmanadas, as mais diversas nações indígenas em suas divindades.

Com olhos luminosos, saindo das profundezas dos rios, chega Boiúna, a cobra grande criadora dos rios que, com sua imensidão, vai envolvendo todo o kikikoi e seus participantes, trazendo toda a força amazônica das nações que protegia. Anhangá, Deus das regiões infernais, um espírito andarilho que pode tomar a forma de vários animais da selva, se transfigura em Gavião Carijó e sobrevoa o ritual imponente e trouxe seu reino animal para o ritual. Eram sapinhos de barriga vermelha, papagaios de peito roxo, perdizes, onças pintadas, corujas buraqueiras... Yorixiriamori, árvore cantante que a todos encantava, com seu som atraiu Caiporas – criaturas entre homens e animais, que protegem as florestas, com a maestria de imitar qualquer som. Kianumaka-Manã, Deusa da liberdade que possui um espírito-livre e que carrega consigo a força das onças pintadas chegou para fortalecer toda a tribo. Voando chega também Acauã, a fada pássaro que tudo vê... Todos juntos atraídos pelo Senhor do Trovão, vieram participar desde momento mítico.

Foi quando, ao longe, foi-se aproximando o som de uma doce flauta. À medida que todos se uniam, indígenas, fauna, flora, forças da natureza e espíritos da floresta percebiam a grande necessidade de se irmanarem. Era Akuanduba que tocava sua flauta para trazer nova ordem ao mundo.

E, neste momento, Jaci, Deusa-lua-mulher, com seu céu cercado de estrelas-curumins que perderam seu corpo físico e foram preservados em luz, cor, brilho e beleza permite que algo aconteça: uma força começa a descer sob a forma de uma estrela colorida, brilhante... Uma estrela que se aproxima numa velocidade estonteante... E pousa no coração do ritual xamânico.

Num claro instante, a estrela se transfigura num curumim-anjo, mártir de todos os povos e nações indígenas, exemplo de um presente-futuro que não se quer mais. Toda a tribo se levanta e entoia cantos de paz... Com os primeiros raios do Sol-Deus-Guaraci, se percebem a luz de um novo dia, sabedores de si, impávidos, tranquilos, infalíveis e apaixonantes.

E a dor inicial se transforma em energia vital... Sobre a força curumim: Lutar pela vida é ser Kaingang!

Manifesto arrebatado: Existir para Resistir

Em uma sociedade que caminha sob o véu da indiferença, os direitos humanos são frequentemente reduzidos a meros conceitos abstratos, enquanto a cegueira coletiva ignora as feridas abertas pela desigualdade, permitindo que a injustiça se normalize sob o pretexto do progresso. Esse cenário revela um profundo caos social e ético, no qual a herança ancestral e a dignidade indígena são sacrificadas no altar do lucro imediato, refletindo uma falha moral que compromete a nossa própria identidade e viabilidade ecológica.

Nesse contexto, enquanto o Estado hesita na demarcação de terras e a sociedade se silencia, o sofrimento dos povos originários se aprofunda diante do avanço do garimpo ilegal e da violência sistemática. Todavia, a tradição oral e a ancestralidade — manifestas em ritos sagrados como o Kikikói dos Kaingang — constituem os pilares fundamentais dessa luta, pois é através do compartilhamento de memórias que a cultura se preserva viva contra o apagamento.

Para os povos originários, existir é resistir; a manutenção de seus corpos, línguas e territórios é um ato político coletivo onde a união de todas as etnias se torna a única força capaz de garantir o futuro. Somente quando enfrentarmos essa

crise de alteridade poderemos reconstruir um tecido social onde o respeito à vida indígena deixe de ser um clamor isolado para se tornar a base de nossa existência como nação.

VOCABULÁRIO:

Kikikoi – ritual fúnebre e religioso do povo indígena Kaingang.

Xamã – líder espiritual e curador que atua como ponte entre o mundo físico e o espiritual.

Kairu e Kamé – duas metades ancestrais complementares e opostas na cosmologia do povo indígena Kaingang.

Kiki – sagrado ritual de culto aos mortos e celebração da vida do povo indígena Kaingang.

Konkéi – vasilha onde é colocada a bebida que recebe o nome do ritual - 'kiki'

Turus – instrumento de sopro feito de taquaras.

Xik-Xi – espécie de chocalho feito de cabaça e grãos de milho.

Referências:

O brutal assassinato de Vítor, um menino Kaingang de apenas 2 anos. In: <https://franciscanos.org.br/noticias/o-brutal-assassinato-de-vitor-um-menino-kaingang-de-apenas-2-anos.html#gsc.tab=0> (Acesso 12/11/2021)

VELOSO, Caetano. “Um índio” In: Bicho. Philips, 1977.

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaingang#:~:text=O%20primeiro%20registro%20da%20mitologia,do%20interior%20da%20serra%20Crinjijimb%C3%A9.> (Acesso: 01/12/2021)

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-sao-os-principais-deuses-da-mitologia-indigena-brasileira/> (Acesso: 15/12/2021) https://www.suapesquisa.com/fauna_flora/regiao_sul_brasil.htm (Acesso: 15/12/2021)